

Desempenho ESG de Companhias de Capital Aberto - Panoramas de 2019

A Resultante realiza, desde 2015, análise ESG de empresas listadas no mercado de capitais brasileiro. Aderente as principais referências de mercado, a metodologia ESG da Resultante permite ponderação customizada de acordo com a cultura e prioridades de cada investidor que acessa nossa base de dados via plataforma online (www.esgresearch.com.br).

Temas analisados no triple bottom line



Ambiental

- » Gestão de Recursos Naturais
- » Resíduos, Efluentes e Emissões
- » Mudanças Climáticas
- » Biodiversidade/Desmatamento
- » Acidentes, Vazamentos e Emergências Ambientais



Social

- » Relacionamento com Colaboradores
- » Relacionamento com Clientes
- » Relacionamento com Fornecedores
- » Relacionamento com Comunidades



Governança Corporativa

- » Integração ESG à Estratégia
- » Transparência e Gestão
- » Propriedade e Voto
- » Conselho de Administração
- » Conduta e Conflito de Interesse

No ciclo de análises de 2019, avaliamos 130 empresas em mais de 100 indicadores ambientais, sociais e de governança corporativa. O resultado é uma avaliação

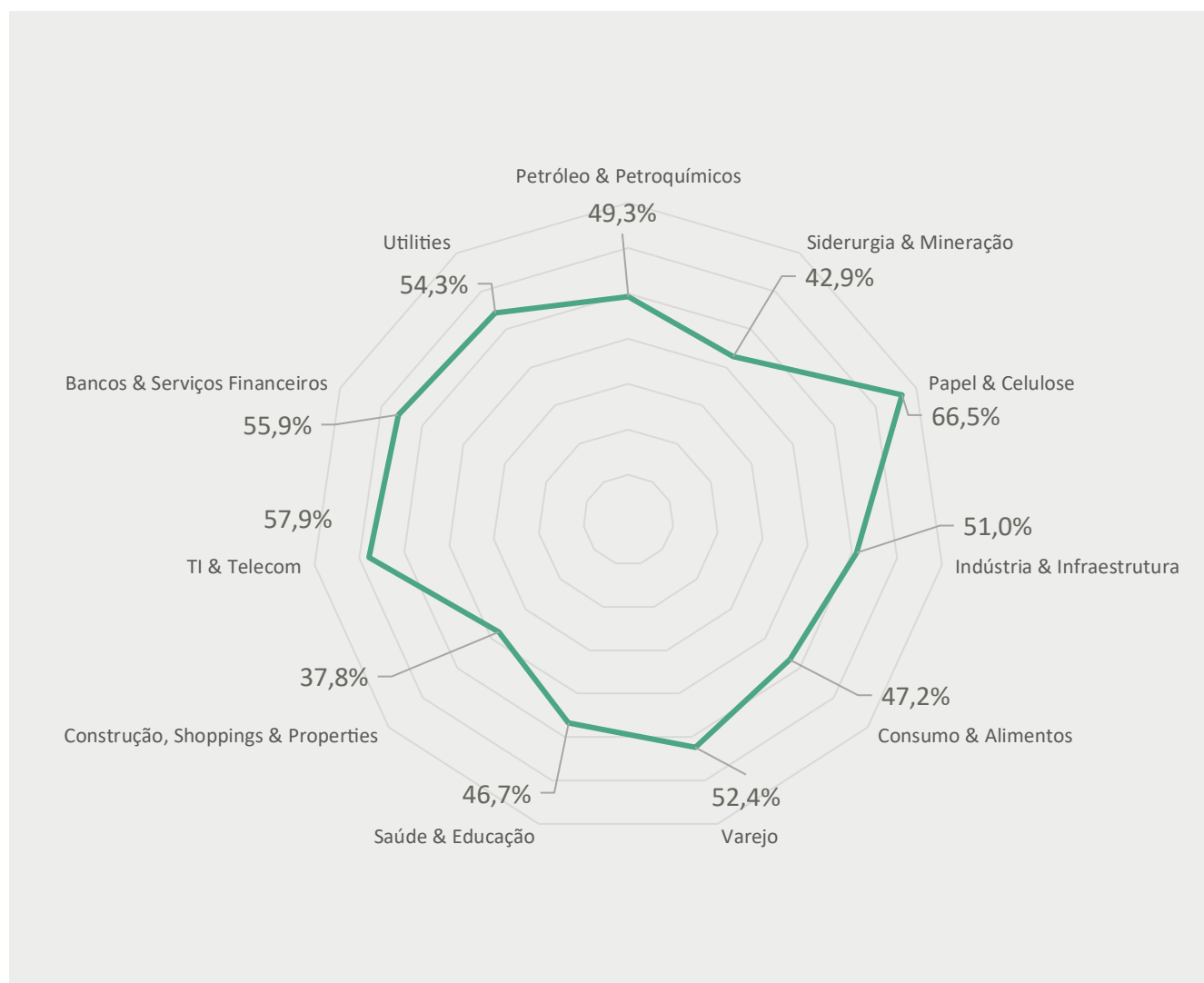
qualitativa e um score entre 0 e 100 pontos. O modelo busca o entendimento de cada companhia em assuntos relativos, por exemplo, à gestão energética, hídrica

e de resíduos, mudanças climáticas, relacionamento com stakeholders, transparência, conduta e ética.

O conjunto das análises nos permite testar a integração de temas ESG à estratégia das companhias, observar avanços e retrocessos, bem como identificar oportunidades de engajamento junto às empresas com baixo desempenho em temas relevantes para cada setor

Estatísticas	2019	2018
Média	49,9%	53,6%
Desvio Padrão	12,8%	11,3%
Máximo	78,7%	78,8%
Quartil 1	58,6%	62,3%
Mediana	49,8%	52,3%
Quartil 3	39,6%	44,7%
Mínimo	23,8%	33,6%

Scores ESG setoriais de 2019 e estatísticas



Partindo da média (49,9) como referência, alguns setores se destacam positivamente, como Papel e Celulose e Serviços Financeiros, e negativamente, como Construção Civil, Siderurgia e Mineração. Essa divergência é notada principalmente pelos riscos socioambientais atrelados a cada setor; companhias de Papel & Celulose possuem a gestão ambiental como uma prática consolidada, principalmente do manejo florestal legal, dada as exigências desse mercado por certificações como FSC (Forest Stewardship Council), que assegura a origem da matéria-prima utilizada e as etapas de produção, enquanto a responsabilidade socioambiental de agentes financeiros se dá de maneira indireta; já Siderurgia, Mineração e Construção Civil, além de terem de atender diversas condicionantes de licenciamento ambiental, são setores cuja cadeia de valor é sensível, principalmente em questões trabalhistas, e também grandes emissores de GEE (Gases do Efeito Estufa).

Na dimensão ambiental, o tema com menor desempenho por parte das empresas foi “Mudanças Climáticas”, justamente o tema que mais está em evidência na agenda de investidores e iniciativas globais, como o

PRI (Principles for Responsible Investment), CDP e a TCFD (Task Force on Climate-Related Financial Disclosures). O ODS (Objetivo do Desenvolvimento Sustentável) 13, da ONU, inclusive aborda essa questão em específico: “Ação contra a Mudança Global do Clima”. A questão climática é relevante em diversos fatores,

Na dimensão ambiental, o tema com menor desempenho por parte das empresas foi “Mudanças Climáticas”, justamente o tema que mais está em evidência na agenda de investidores e iniciativas globais

e o fraco desempenho das empresas analisadas, todas listadas na B3, alerta para o potencial de engajamento visando oportunidades de captação de recursos e mitigação de riscos.

Quando observamos individualmente as empresas, notamos que o top 3 é formado por companhias de setores distintos, com reconhecimento consolidado

do pelo mercado por suas boas práticas: Natura, Lojas Renner e Duratex. Apesar dos diferentes ramos de atuação, os três ativos refletem alguns pontos em comum como a adesão ao Pacto Global da ONU, inclusão do tema mudanças climáticas na pauta da governança da companhia, a tempestividade no reporte de informações ESG, uma vez que seus relatórios de sustentabilidade são lançados praticamente junto com as Demonstrações Financeiras Anuais, bem como a ausência de envolvimento da empresa em processos e multas socioambientais e de corrupção relevantes.

Tais empresas são líderes com folga quando as confrontamos com seus pares de mercado. Setorialmente, a menor dispersão se dá no setor elétrico, cujo top 3 é formado por EDP, Engie Brasil e AES Tietê. As duas primeiras, aliás, revezaram posições em relação ao ciclo de 2018, mesmo aumentando seus scores em 5,5% e 2,6%, respectivamente. As semelhanças demonstradas no parágrafo anterior se repetem aqui, mostrando que a prática de uma gestão sustentável, além de gerar valor para a empresa, mitiga riscos de processos judiciais. Ainda sobre o setor elétrico, foi o único que apre-

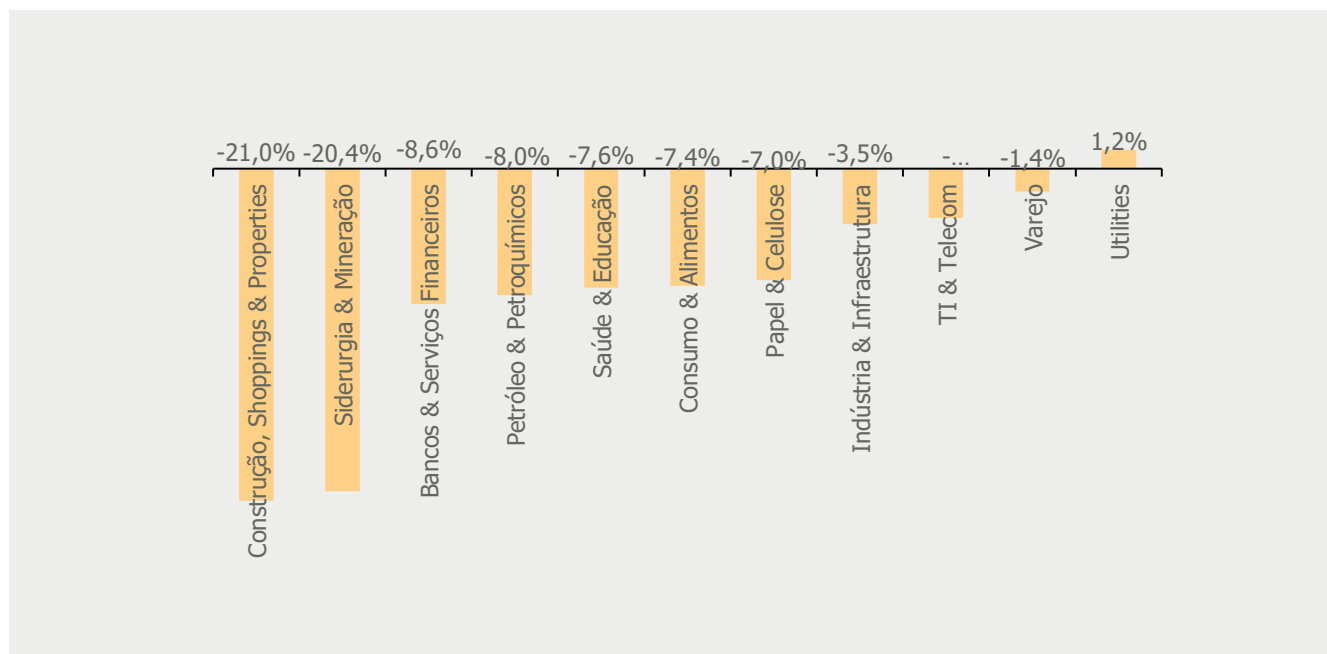
sentou melhora do score médio em relação ao ano anterior (1,2%). Uma das explicações é o fato de que a regulação do setor (Resolução 444/2001 e o despacho nº 3.034/2006 da ANEEL) demanda que as empresas divulguem suas práticas socioambientais – e ninguém quer ficar para trás nesse quesito. A existência de companhias com controle residente na Europa e EUA, países onde a agenda 2030 aparece mais avançada, é outro fator que explica essa impulsão do setor nos últimos anos, ainda que pequena de um ciclo para o outro.

Nos destaques positivos entre ciclos, o maior delta de pontuação notado foi na Arezzo, em que a falta de transparência nos ciclos anteriores prejudicava a avaliação da empresa. A elaboração do seu primeiro relatório anual demonstra, que a companhia vem avançando nas exigências ambientais para seus fornecedores de curtumes e outras matérias-primas, além do monitoramento e mitigação do potencial risco de envolvimento em casos de trabalho escravo e infantil. Entre as empresas que aprimoraram o seu de-

sempenho, a Klabin apresentou melhora de 14,6%. A elaboração de uma matriz de riscos e oportunidades climáticas mostra o avanço na percepção do impacto dos efeitos relacionados ao tema em suas operações, receitas, custos e despesas.

As melhoras demonstradas não são recorrentes, mas ganham força pelo fato de toda a cobertura analisada de 134 empresas ter queda de 6,19% em seu score médio entre 2018 e 2019. O setor de Siderurgia e Mineração, por exemplo, caiu em média 20,43%.

Notícias negativas identificadas, por setor



Não coincidente, a maior parte das empresas do setor foram veiculadas em notícias na mídia – monitoradas pela Resultante e com alertas diários aos assinantes da plataforma – por severos e seguidos acidentes de cunho ambiental e social. Riscos esses inerentes à atuação do setor, mas que, aparentemente, não estão sendo adequadamente mitigados.

Tais riscos aparecem precificados nos modelos de investidores internacionais. Segundo analistas, o case da Vale mostra que desde os ocorridos em Brumadinho o valor de ação ainda sofre desconto em relação aos seus pares, na ordem de 20% a 30%. Um estudo do Citibank, com quase 40 investidores europeus e americanos, evidencia que tal

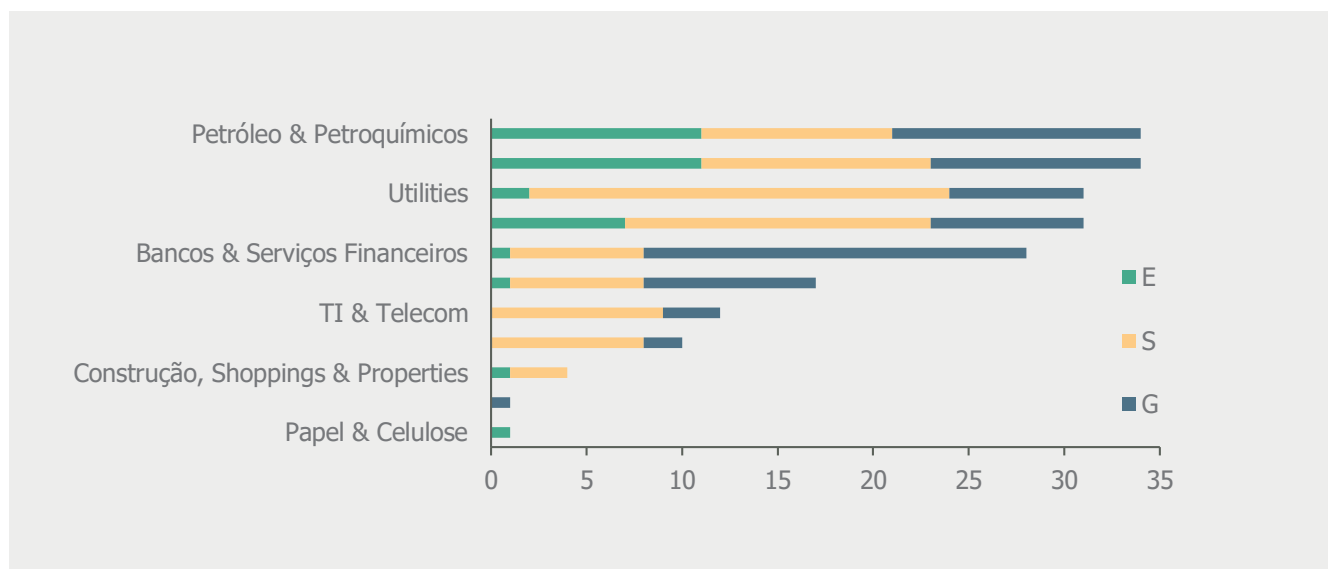
desconto é devido, em boa parte, à repulsa do investidor ESG ao ativo, através da utilização de filtros nos modelos desse público.

Setores mais expostos a impactos socioambientais, como Petróleo e Petroquímicos e Frigoríficos, também aparecem com um grande volume de mídias negativas vinculadas a acidentes, ações civis públicas e sanções

Não é apenas o setor de minérios e siderurgia que aparece como destaque negati-

vo em notícias. Setores mais expostos a impactos socioambientais, como Petróleo e Petroquímicos e Frigoríficos, também aparecem com um grande volume de mídias negativas vinculadas a acidentes, ações civis públicas e sanções. Outros destaques são: setor financeiro, comumente vinculadas a qualidade de atendimento ao cliente, passivos trabalhistas e casos de facilitação de corrupção e o setor de Utilities, que além de estar exposto diretamente a impactos socioambientais (ambiental em geração e social em distribuição, principalmente), é o setor com a maior quantidade de empresas, 21 no total. O gráfico abaixo ilustra o total de notícias negativas registradas no segundo semestre de 2019.

Notícias negativas identificadas, por setor

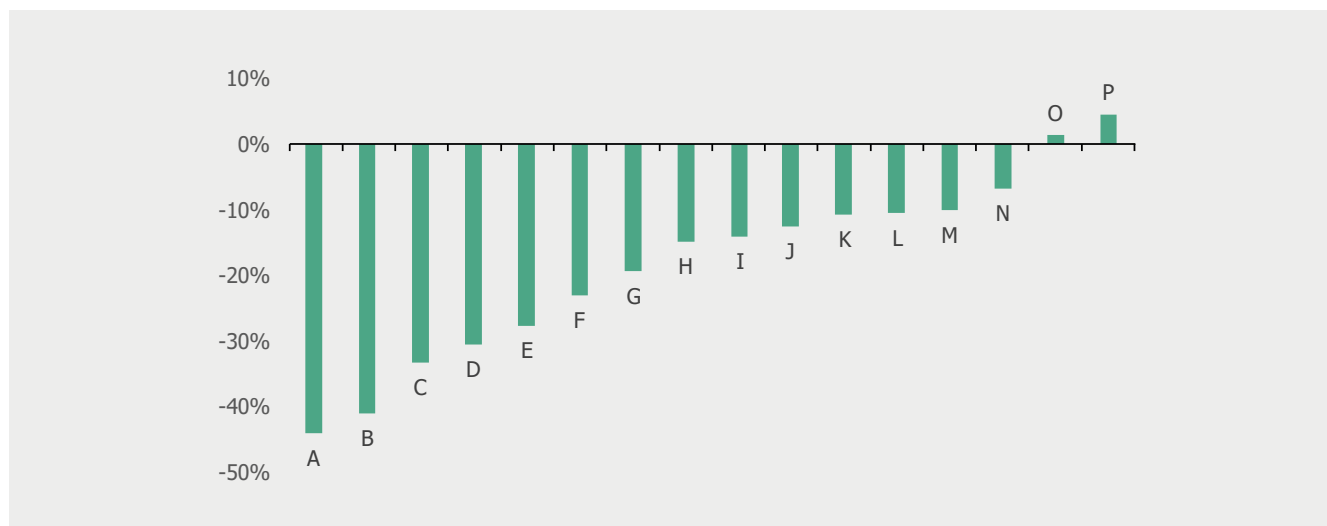


Ainda pela perspectiva de baixo desempenho, apesar do crescimento no último trimestre de 2019 e tendência positiva em relação ao PIB, o setor de construção civil chama atenção, pois teve no ciclo 2019 o pior desempenho dentre todos os setores analisados: score médio de 37,81, com desvio padrão de 11,84.

De toda a cobertura, dos 10 ativos com pior desempenho, 7 estão dentro do setor, que ao todo é composto por 18 companhias. Outro dado emblemático é que apenas 2 empresas desse grupo (11,1%) apresentaram melhora de um ciclo para outro. Um dos casos mais representativos do setor mostra que,

com a omissão de reportes das informações relativas à estratégia e práticas de sustentabilidade, há dificuldade de compreender o equilíbrio entre resultados financeiros e desempenho ESG. A companhia em questão apresentou queda de 41,1% no score ESG entre 2018 e 2019.

Variação nos scores de empresas de construção civil entre 2018 e 2019



Ao analisar bons e maus desempenhos, as práticas de engajamento junto às companhias que compõem o portfólio do gestor podem ser, traçando um paralelo, parecidas com as feitas em épocas de release de resultados. Enquanto os ITRs e DFPs nos dão dados para serem inseridos nos modelos de valuation e os press releases buscam explicar aos investidores o porquê dos resultados trimestrais, o ma-

peamento e a avaliação de práticas ambientais, sociais e de governança corporativa busca entender a potencial geração (ou destruição) de valor dentro da gestão da empresa. Sustentabilidade entende-se por mitigação de riscos e execução de oportunidades que gerem retorno para a empresa, seus acionistas e demais stakeholders, sem prejudicar o ambiente e prezando pela ética e conduta correta dentro do

âmbito corporativo. O ESG nada mais é que uma proxy de gestão e eficiência dos ativos. Há empresas consolidadas no assunto, outras começando a firmar compromissos e metas internamente e muitas outras que sequer têm conhecimento no tema, confirmando a hipótese de que há potencial de engajamento junto às empresas e, conseqüentemente, ganho de valor.